

O ENSINO DE FONÉTICA E FONOLOGIA NO NÍVEL MÉDIO DA EDUCAÇÃO BÁSICA DE UMA ESCOLA ESTADUAL INDÍGENA

Alexandre Tomaz da Silva ¹; Tainá de Moura Santos ²;

Déborah Nayara Guilherme da Silva¹

Universidade Federal da Paraíba

RESUMO

A pesquisa vem tratar sobre o ensino de fonética e fonologia no primeiro ano do Ensino Médio de uma escola estadual indígena potiguara do Litoral Norte da Paraíba, no intuito de se averiguar como está o ensino de língua portuguesa diante desta perspectiva, e propor possíveis estratégias de ensino para o aprimoramento da aprendizagem em sala de aula. A razão pela qual se resolveu efetuar esta pesquisa se originou da importância de contribuir com o ensino de língua portuguesa usando as percepções de fonética e fonológica, que atuam como ferramenta eficaz na compreensão das particularidades dos usos da linguagem humana. O trabalho iniciou-se no mês julho, a partir de uma pesquisa bibliográfica com a finalidade de se obter o aporte teórico propício para a execução e desenvolvimento do mesmo. Em seguida foi identificada e caracterizada a área de estudo onde se aplicou um questionário com cinco perguntas de ordem qualitativa, que dizem respeito, as compreensões básicas de fonética e fonologia. Foi constatado que a maioria dos alunos, embora tivessem noções fonológicas não sabiam diferenciar determinados usos na língua. A partir dos dados obtido nos resultados propor-se possibilidades pedagógicas de se ensinar fonética e fonologia utilizando meios lúdicos e atrativos ao alunos, tais como, a música, poemas e textos dos mais diferentes gêneros textuais, que podem servir como recurso facilitador para a entendimento de conceitos fundamentais no ensino da língua materna.

Palavras-chave: Fonética, Fonologia, Ensino, Escola Indígena.

INTRODUÇÃO

Este trabalho desenvolveu-se por meio da necessidade de se aprimorar o ensino e aprendizagem dos alunos na disciplina de língua portuguesa, usando como instrumento o conhecimento das compreensões sobre fonética e fonologia. Tendo em vista, que a linguagem humana consiste em um sistema complexo e cheio de particularidades, tanto no aspecto da fala, quanto na língua escrita. Fatores como o regionalismo, a forma cotidiana e a forma padronizada da língua, têm divergido em muitas situações. Essas diferenças podem ser compreendidas devido à existência principalmente de aspectos fonéticos e fonológicos da língua e que caracterizam identidade, cultura e etnia de uma sociedade.

A fonética é ciência que estuda as especificidades fônicas do sistema linguístico e classifica os seus elementos de acordo a articulação,

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

também está atrelada as características fisiológicas dos indivíduos, quanto ao seu aparelho fonador, a pronúncia e sons das palavras. Já fonologia é a parte da linguística que tem como objeto de estudo o som de forma sistematizada, considerando os padrões sonoros de cada língua.

As primeiras concepções sobre fonética se sucederam na Antiguidade e na Idade Média com os gregos e romanos, enquanto que os estudos fonológicos só começaram a ganhar força durante o século XX. Para Vagones (1980) as noções da fonética tiveram um marco fundamental na história, no século XVIII quando se desenvolveu o “estudo do som pelo som”, em uma tentativa de encontrar “explicações de ordem normativa, com preocupações litúrgicas, gramaticais e retóricas, ou ainda, com objetivos de recuperação da fala”. Outra contribuição para o entendimento da fonética ocorreu no século XIX, no momento em que se vigorava o método comparativo das línguas, com os estudos do Jacó Grimm, em 1822 sobre a correspondências sistemáticas entre os sons de palavras em diferentes línguas.

Com o estruturalismo norte-americano se destacaram as concepções de Leonard Bloomfield que defendia que cada língua apresenta uma estrutura específica e que pode ser entendida sob a divisão de três níveis: fonológico, morfológico e sintático. Níveis que são hierárquicos, cuja base inicial é representada pela parte fonológica. De acordo com Seara, Nunes & Lazzarotto-Volcão (2011) foram às teorias Estruturalistas, Funcionalistas e Gerativistas que são as responsáveis pela origem das proposições fonológicas que vão tentar promover “modelos capazes de descrever os sons das línguas interpretados com base em seus valores (funções) dentro de um sistema linguístico como também suas variantes contextuais ou posicionais”.

Na escola, o ensino de fonética e fonologia faz parte das recomendações dos Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio, que estabelecem procedimentos a serem seguidos e executados na educação pública, com destaque para formação e inserção do sujeito na sociedade. Nas escolas indígenas, a aprendizagem da língua portuguesa, encontra-se atrelada ao ensino de outras línguas: a tradicional, ou seja o Tupi e as estrangeiras, o Inglês e o Espanhol. A variedade fonológica e fonética do ensino diversificado de línguas acaba configurando um campo ampliado de diferente sons e escritas de palavras que exige do aluno indígena a capacidade de distingui-lo.

Diante disto, as compreensões fonológicas e fonéticas podem ser usadas como instrumento para a assimilação e aquisição da língua e da escrita no ensino de múltiplas línguas, já que fazem parte do sistema gramatical da mesma. Duarte & Santos (2014) aponta que o professor deve atuar junto aos traços de “transferências linguísticas, iniciando pelos traços fônicos da língua

materna, o ponto e o modo de articulação dos fonemas da língua de origem de seus descendentes, mostrando as diferenças e variações da língua portuguesa”. Contudo, apesar de ser indiscutível a relevância e os benefícios de se trabalhar fonética e fonologia no processo de ensino/aprendizagem da língua materna, é fato também, que essa área não possui um espaço muito significativo nas salas de aula.

Portanto, a partir deste contexto e da importância do ensino fonética e fonologia para a sala de aula que se resolveu elaborar este trabalho, com o objetivo de averiguar a aplicabilidade do ensino de Fonética e Fonologia no 1º ano do Ensino Médio de uma escola Estadual Indígena do município de Rio Tinto-PB, relatar a importância do trabalho com a consciência fonética e fonológica para o ensino e propor possíveis estratégias pedagógicas para aprimorar a prática docente em sala aula.

Deste modo, além de uma pesquisa de cunho bibliográfico, em que buscamos aporte teórico em autores como, Massini – Cagliari (2016), Rodrigues (2005), Ottonelli (2015), e Bagno (1999) que nos ajudaram a fazer diferentes ponderações sobre essas questões, optamos também, por fazer a aplicação de um questionário a fim de sondar o nível de entendimento que os alunos possuem sobre noções básicas do ensino de fonética e fonologia.

METODOLOGIA

A pesquisa se desenvolveu na Escola Estadual Indígena de Ensino Fundamental e Médio Cacique Domingos Barbosa dos Santos, que faz parte de uma das escolas indígenas potiguaras estaduais, situada na Aldeia Jaraguá da cidade de Rio Tinto, no estado da Paraíba. A escola funciona nos horários diurnos e noturnos, com graus da educação básica desde os anos iniciais até o ensino Médio, incluindo também a Educação de Jovens e Adultos - EJA. Possuindo aproximadamente 408 alunos e comportando 54 funcionários do corpo docente e do corpo de apoio. A escola possui 12 salas, sendo 7 salas de aula, uma cozinha, uma diretoria, uma biblioteca e um laboratório de informática. Quanto às disciplinas ofertadas, a grade curricular conta com as disciplinas tradicionais e mais algumas disciplinas que abarcam as especificidades da educação indígena como: Arte e Cultura, Etno-História e Agroecologia.

Na escola sempre ocorrem projetos multiculturais e interdisciplinares desencadeados pelos professores juntamente com seus alunos, são eles: Recordando o Carnaval, Semana do Meio Ambiente, Semana Cultural Indígena, Copa do Mundo, Conhecendo o Folclore Regional, Simulado Abrindo as portas para o Futuro, Projeto de incentivo à Leitura e Escrita: “Ler é imaginar, criar e projetar um novo saber”, Expoentes

da Aldeia Jaraguá e o Sarau da Música e da Literatura realizado pelos professores de Língua Portuguesa do ensino Fundamental II e do Ensino Médio. A escola também promove mensalmente a prática do Toré, dança ritualística da cultura indígena potiguara em função de agradecimentos e petições de bênçãos aos seus ancestrais e faz planejamentos com os funcionários em prol de possíveis desempenhos de atividades desses projetos e das atividades regulamentares educacionais.

A princípio, para a concretização deste trabalho, foi realizado um levantamento bibliográfico com relação à temática abordada para fornecer aporte teórico no desenvolvimento da pesquisa. O método aplicado foi de ordem qualitativa com observação da área de estudo e utilização de um questionário.

Foram feitas duas visitas à escola no mês de julho do corrente ano. A primeira com intuito de se obter informações sobre a instituição de ensino e caracterização da área de estudo, e a segunda para aplicação do questionário contendo cinco perguntas sobre conhecimentos básicos de fonética, são elas:

1. Você já ouviu falar em fonética?
2. Você provavelmente já se perguntou o porquê as pessoas falam de maneiras diferentes dependendo da sua região, idade etc. Você sabe dizer que fenômeno é esse?
3. Você sabe o porquê se usa P e B antes de M? Se sim, faça uma breve descrição.
4. Em sua concepção, existe diferença entre a forma escrita e a forma sonora das palavras?
5. Pronuncie as seguintes palavras: chuva, xícara e bruxa. Apesar da grafia diferente você consegue perceber alguma semelhança em relação ao som? Se sim, qual?

A turma escolhida é do 1º ano do ensino médio, composta de um total de dezenove alunos que estão na faixa etária de dezesseis a dezenove anos, nos quais, apenas quinze estavam presentes para responder ao questionário. Após o recolhimento das respostas, identificou-se o grau de entendimento por parte dos alunos sobre algumas questões da fonética e fonologia e sugeriu-se possibilidades de atividades para trabalhá-las na escola observada.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A fonética e a fonologia estão ligadas de maneira intrínseca à aprendizagem da língua materna, e devem ser consideradas importantes na formação dos alunos, pois, muitas vezes a falta do conhecimento dos segmentos fônicos interfere e repercute na escrita dos alunos, já que muitos costumam escrever tal como pronunciam as palavras. Esta questão ganha ainda mais destaque quando se fala da educação diferenciada presente nas escolas indígenas, que são voltadas para a conservação das culturas e tradições das

aldeias, como se pode compreender nas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Escolar Indígena, em que afirma-se: “[...] o ensino regular nestas escolas será ministrado em língua portuguesa, assegurado as comunidades indígenas, inclusive a utilização de suas línguas maternas e processos próprios de aprendizagem” (Resolução CNE/CEB nº 14/99, Art.210-“§ 2º, p. 5). As línguas das comunidades indígenas, ainda conforme o documento, devem ser preservadas em concordância com a realidade sociolinguística de cada povo. E principalmente, é crucial que, no ensino básico os estudos orais da língua organizem seus conteúdos fonéticos e fonológicos de acordo com cada ano letivo, como menciona Rodrigues (2005):

No ensino básico o trabalho deverá ser orientado para: o reconhecimento, em contextos, de «algumas particularidades da linguagem de determinadas regiões (variedade portuguesa/variedade brasileira)» (7.º ano de escolaridade); o reconhecimento, pela linguagem, de «diferentes contextos de comunicação (norma/registros)» (8.º ano de escolaridade); a descoberta, a partir do contexto, de «algumas formas históricas ou recentes de mudança da língua (evolução semântica e fonética)», através da observação em palavras em «que ocorram alguns processos de evolução fonética (acrescentamento, supressão e mudança de fonemas)» (9.º ano de escolaridade). No ensino secundário, os conteúdos, restritos à área da fonologia, são: as propriedades prosódicas (altura, duração, intensidade) e os constituintes prosódicos, no âmbito dos quais se indica como conteúdo explícito a frase fonológica incluindo a entoação (declarativa; interrogativa; imperativa; exclamativa; persuasiva) e a pausa (silenciosa; preenchida) – no 10.º ano de escolaridade; os processos fonológicos, como a inserção, a supressão e a alteração de segmentos, - no 11.º ano de escolaridade. (RODRIGUES, 2005, p. 2)

Perante isso, com a aplicação do questionário, obtivemos alguns resultados que mostram que, apesar de sua importância, se constata uma precariedade do ensino fonético/fonológico na sala de aula. Observou-se que na pergunta que abre o questionário: “Você já ouviu falar de fonética?” apenas um aluno respondeu que sim, enquanto os demais deram respostas negativas. O grande problema inicia-se com o desconhecimento do termo “fonética”, que mostra que essa não é uma palavra recorrente, mas até mesmo inexistente em seu cotidiano escolar. Um dos fatores para esse desconhecimento está na própria formação do professor, como afirma Ottonelli (2015, p. 101):

Mesmo para educadores que têm ensino superior, muitos, formados há mais tempo, não tiveram em sua formação a Disciplina Fonética e Fonologia, e, em cursos de aperfeiçoamento, especialização, ou na formação continuada, tais aspectos raramente são considerados.

Muitas vezes, não se trata de uma má vontade para com o ensino de fonética e fonologia, mas sim de um desconhecimento proveniente de

própria formação do professor. Corroborando a opinião de Ottonelli, Cagliari (2016, p. 16) afirma que um dos motivos para tal negligência é o “[...] desconhecimento por parte do professor, do sistema de vogais e consoantes do português [...]”, o que infelizmente torna-se uma realidade preocupante, visto que é indiscutível a importância que atividades de natureza fonético-fonológica exercem para o processo de alfabetização tanto da língua materna, quanto na aprendizagem de uma língua estrangeira, tal como afirmam Morais e Leite (2005, p. 72 apud Filho, 2014): “[...] para alcançar hipóteses silábicas, silábico-alfabéticas e alfabéticas da escrita, os aprendizes precisarão pensar na sequência de partes sonoras das palavras”.

A segunda questão, por sua vez, se pedia que os alunos refletissem sobre a diversidade linguística relacionada aos diferentes modos de falar das pessoas, e apontassem o nome que se dá a esse fenômeno. Essa questão abordava implicitamente o tema das variações linguísticas. Seis alunos responderam que não saberiam identificar e os demais optaram em deixar a resposta em branco.

A variação linguística, do ponto de vista fonológico, diz respeito ao fato de uma mesma palavra ser pronunciada de forma diferente pelos falantes, como o exemplo da pronúncia da palavra “vassoura”, a qual, muitos falantes pronunciam “bassoura”. Essa ocorrência faz parte de um dos fenômenos fonológicos de transformação, chamado betacismo, em que o falante troca a consoante “v” por “b”. Trabalhar a temática da variação linguística é crucial, principalmente a nível social, para se combater o preconceito linguístico, que ainda é um grande problema a ser enfrentado nas escolas. Bagno, no livro *Preconceito lingüístico: o que é, como se faz* aponta alguns mitos sobre o preconceito linguístico e diz que esses eventos não são atrasos mentais do falante, e sim, estamos diante de fenômenos fonéticos.

Na visão preconceituosa dos fenômenos da língua, a transformação de L em R nos encontros consonantais como em Cráudia, chicrete, praca, broco, pranta é tremendamente estigmatizada e às vezes é considerada até como um sinal do “atraso mental” das pessoas que falam assim. Ora, estudando cientificamente a questão, é fácil descobrir que não estamos diante de um traço de “atraso mental” dos falantes “ignorantes” do português, mas simplesmente de um fenômeno fonético que contribuiu para a formação da própria língua portuguesa padrão. (BAGNO, 1999, p. 40)

Ressalta-se ainda, a necessidade do professor estar preparado para respeitar as variantes regionais e sociais, no discurso do aluno, considerando que ele utiliza a sua fala e suas marcas indenitárias como referência para a atividade de escrita.

Na terceira questão, inquiriu-se sobre o conhecimento ou não por parte do aluno sobre o porquê das letras P e B virem antes do M. Foi

unânime a resposta negativa dos alunos, comprovando a precariedade na compreensão no tema. O que nos faz refletir sobre como está se dando o ensino de gramática nas escolas. Os alunos sabem que antes de P e B usa-se M, contudo, eles não sabem o porquê dessa regra, que é de ordem estritamente fonética, pelo fato do P, B e M serem consoantes bilabiais, tornando assim mais fácil fazer a pronúncia das palavras. Essa falta de contextualização é muito comum nas aulas de Língua Portuguesa e muito presente nos livros didáticos, que ao abordar temas da gramática tradicional não mencionam os aspectos morfológicos, fonéticos etc. que estão envolvidos nessa regra. A consequência dessa abordagem é um processo em que o aluno não vai assimilar conteúdo, vai apenas decorá-lo, sem reflexão sobre o funcionamento da própria língua

A quarta questão trouxe a seguinte pergunta: “Em sua concepção, existe diferença entre a forma escrita e a forma sonora das palavras?”. Todos os alunos, com exceção de um, responderam que sim.

Na quinta e última questão, que tinha como proposta que os alunos analisassem três palavras (chuva, xícara e bruxa) com o propósito de identificarem, apesar da grafia diferente, o fonema comum entre elas, tivemos que dez alunos responderam que não viram semelhanças entre as palavras e cinco alunos responderam que sim, perceberam semelhanças entre as palavras quanto ao som. Os cinco alunos selecionaram consoantes ou sílabas as quais julgavam ter sons semelhantes:

Questão 5: Pronuncie as seguintes palavras: chuva, xícara e bruxa. Apesar da grafia diferente você consegue perceber alguma semelhança em relação ao som? Se sim, qual?

Aluno A	Aluno B	Aluno C	Aluno D	Aluno E
Resposta: Sim, ch, x.	Resposta: Sim, na parte do “chu”, “xi”, “xa”.	Resposta: Sim entre o ch e o x.	Resposta: Sim, ao se pronunciar o x.	Resposta: Sim, ch, x.

Fonte: os próprios autores.

É notório com o resultado dessas duas últimas questões, que os alunos possuem uma consciência fonológica. Eles conseguem perceber as semelhanças sonoras entre as palavras ortograficamente diferentes, contudo, embora haja uma semelhança entre os aspectos orais e escritos, há também diferenças, nem sempre um sinal gráfico vai ser representado por seu respectivo som. Segundo Marcuschi (2001, p. 34 apud

Botler, 2013), “[...] as relações entre fala e escrita não são óbvias nem lineares, pois elas refletem um constante dinamismo fundado no continuum que se manifesta entre essas duas modalidades de uso da língua”. Ou seja, é recorrente nas escolas, que os alunos procurem transpor para a escrita os sons reproduzidos na fala, em razão de ser um procedimento convencionalizado, dado que, a fala confunde-se com a própria história humana, já a escrita, principalmente o sistema alfabético, surgiu recentemente em comparação à fala.

Para mudar essa realidade é necessário primeiramente que se entenda a relevância dos estudos fonéticos e fonológicos no processo de ensino/aprendizagem, e dentre outras coisas que essa disciplina esteja presente na grade curricular dos cursos de Letras e nos cursos de especialização.

Tendo apresentado os resultados da aplicação do questionário, e percebido o quão negligenciado vem sendo tratado os aspectos fonéticos e fonológicos na sala de aula, o presente artigo, pensando nessa realidade, vai agora, propor algumas possibilidades de abordagem para esse ensino de forma mais lúdica e atrativa.

Inicialmente, o professor precisa se desprender do preconceito que se tem do ensino de fonética ser algo maçante e pouco atrativo. Cagliari (2016, p.16) ao tratar do ensino de fonética, vem nos dizer que “[...] tudo depende de como os fatos sonoros são abordados em sala de aula. A escolha do texto certo para análise pode tornar lúdico mesmo o assunto mais complexo”. O professor pode trabalhar a fonética através de poemas e tirinhas, propor atividades em que o aluno possa explorar as questões ligadas à forma falada e escrita, ou até mesmo, perceber de forma mais intensa os tipos de variação linguística e amplitude sonora presentes nos mais diversos gêneros textuais. Além de pensar nesse ensino relacionado a outras áreas dos estudos gramaticais, como declara Carvalho (2012, p. 12):

De outro modo, devemos pensar no ensino de fonética e fonologia relacionando também ao ensino de ortografia, acentuação, separação silábica, ou especificamente ortoepia ao ensino de fonologia e fonética propriamente ditos, em especial, no Ensino Médio, utilizando esses conhecimentos para um trabalho bem diferenciado, em textos poéticos e em propagandas, fazendo a relação teoria e prática.

A música também pode atuar como uma importante instrumento pedagógico para o ensino dos sons da língua, pois além de ser rica em elementos sonoros, como rimas, aliterações, onomatopeias etc. ela também possui seu caráter lúdico, motivador e facilitador para o entendimento.

Parafrazeando Cagliari (2016), afirma que a onomatopeia é um dos poucos recursos sonoros que ainda são trabalhados em sala de aula. Portanto, o professor pode usar a criatividade e apresentar essa figura de linguagem através de histórias em quadrinhos, já que é um mecanismo muito utilizado na produção desse gênero textual, ou ainda, através de músicas, como na canção “Splish splash” gravada por Roberto Carlos (1963), em que o “Splish splash” é a tentativa de imitar o som provocado pelo beijo.

Splish splash
Fez o beijo que eu dei
Nela dentro do cinema.

Portanto, reiterando a citação de Cagliari (2016, p.16), “[...] tudo depende de como os fatos sonoros são abordados em sala de aula” e é de extrema importância que os alunos desenvolvam sua sensibilidade auditiva, que percebam de forma mais eficaz os aspectos fônicos da linguagem e os explorem de maneira consciente, logo, é crucial que esses estudos se iniciem desde os anos iniciais da educação básica, no processo de alfabetização e letramento dos alunos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediante desta pesquisa, compreendemos o quanto é importante trabalhar, de forma significativa, a fonética e a fonologia na sala de aula. Constatamos, que apesar de estar presente nos Parâmetros Curriculares Nacionais -PCNs do ensino médio de Língua Portuguesa, essas concepções acabam sendo negligenciadas durante o próprio processo de ensino/aprendizagem. O que segundo Ottonelli (2015) e Cagliari (2016) é em razão, muitas vezes, da própria formação do professor. Contudo, pudemos constatar que é uma realidade passível de mudança, e necessita acima de tudo, de estratégias metodológicas eficazes.

Salientamos que nossos objetivos foram alcançados, e almejamos que esta pesquisa possa contribuir para mostrar a relevância de tais conhecimentos para um ensino mais eficiente de Língua Portuguesa, visto que, o aluno que é capaz de refletir sobre os sons da fala e identificar seus correspondentes gráficos, ou seja, é consciente do funcionamento da língua. Através desse conceitos, o aluno terá mais facilidade em seu processo de alfabetização e letramento, além de uma competência maior em questões relacionadas à leitura e produção de textos.

Portanto, os professores de língua portuguesa precisam observar com cautela os conteúdos que ministram na sala de aula, os

selecionando, de acordo com grau de relevância para o entendimento da língua, buscando até mesmo preencher as lacunas de sua formação como educador e considerar que os alunos possuem conhecimentos prévios acerca da linguagem e, como identificado na aplicação do questionário, apresentam uma percepção fonológica. Portanto, nesse sentido, o professor deve propor atividades problematizadoras, que desafiem e instiguem os alunos, as quais possibilitem seu contato com as práticas que envolvam aspectos de leitura, escrita e oralidade. Atividades essas, que permitam ao aluno não apenas a apropriação do código linguístico, mais também, a criação de uma compreensão a respeito do funcionamento da língua, em seus atos e formas de utilização concreta.

REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico – o que é, como se faz**. 15 ed. Loyola: São Paulo, 2002.

BOTLER, Laís Maria Álvares Rosal; SUASSUNA, Lívia. **Relações entre fala e escrita na escola: análise da prática de uma professora do ensino fundamental**. WorkingPapers em Linguística, Florianópolis, v. 14, n. 3, p. 01-19, dez. 2013. ISSN 1 984-8420.

BRASIL, Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais PCN+ Ensino Médio. Brasília: MEC, 2000.

CARVALHO, Lucirene da Silva. **Reflexões sobre o Ensino de Fonética e Fonologia do Curso Letras/Português da Universidade Estadual do Piauí: realidade e perspectivas**. Anais do SIELP. Volume 2, Número 1. Uberlândia: EDUFU, 2012. ISSN 2237-8758

CRYSTAL, David. **Dicionário de Linguística e Fonética**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.

_____. Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Escolar Indígena. Ministério da educação Conselho Nacional de Educação CNE/CEB 14.09.99.

DUARTE, F. P. C. & SANTOS, T. P. **Os estudos de Fonética/Fonologia e a prática de ensino-aprendizagem: um percurso histórico e contemporâneo na sala de aula**. XVIII Congresso Nacional de Linguística e Filologia. Cadernos do CNLF, vol. XVIII, nº 07 – fonética, fonologia, ortografia. Rio De Janeiro: Cifefil, 2014.

FILHO, José Carlos de França. **Consciência fonológica e aquisição da linguagem escrita: o que pensam professoras alfabetizadoras.** VI Encontro das Ciências da Linguagem Aplicadas ao Ensino – ECLAE. Recife. 2015.

MASSINI-CAGLIARI, Gladis. **Brincando com os sons da língua: Explorando os níveis fonético e fonológico.** In: Abreu, Antônio Suárez; Sperança-Criscuolo, Ana Carolina. (Org.). Ensino de Português e Linguística. Teoria e prática. 1ed. São Paulo: Contexto, 2016, v. único, p. 15-32.

SILVA, Thaís Cristófar. **Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios.** 7. ed. - São Paulo: Contexto, 2003, p. 23-13.

ROBERTO, Tania Mikaela Garcia. **Fonologia Fonética e ensino: guia introdutório.** Parábola Editorial, 1ª ed., São Paulo, 2016.

RODRIGUES, Sónia Valente. **Fonética e Fonologia no ensino da língua materna: modos de operacionalização.** Encontro sobre Terminologia Linguística: das teorias às práticas, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2005.

VAGONES, Elvira Wanda. **A fonética e seus precursores.** Alfa, São Paulo, 24:179-85, 1980.